

GALERIA DE ARTE DAS FOLHAS

Homenagem aos comissários da V Bienal
de Arte Moderna e aos membros do
Congresso Extraordinário da Associação
Internacional de Críticos de Arte.

São Paulo, setembro de 1959

Após menos de dois anos de funcionamento, a Galeria de Arte das Fôlhas promove sua segunda exposição coletiva que abrange de novo mostras quinzenais do calendário artístico de 1958. Este empreendimento se propõe inserir os trabalhos gráficos e plásticos de cerca de quarenta expositores nas encruzilhadas importantes do Congresso Extraordinário da Associação Internacional dos Críticos de Arte e da V Bienal de Arte Moderna.

Assim, os críticos presentes à agenda de teses e debates, no Rio, em Brasília e em São Paulo e os comissários de quarenta e seis países não só terão ensejo de averiguar a qualidade e a amplitude das exposições paulistas anteriores a esses dois acontecimentos, como também disporão de meios e testemunhos para observar os rumos da nossa arte e sentir de que maneira ela converge para o compluvium da arte mundial levando para esse estuário o humus brasileiro.

A Galeria de Arte das Fôlhas, como instrumento de divulgação e incentivo, como entidade social e como confluência rítmica da vida e da obra artística do Estado de São Paulo e de todo o Brasil, se vem tornando, portanto, o diapasão mais exato das vibrações de idéias, técnicas e experiências novas em desenho, gravura, pintura e escultura. Percorrendo a atual exposição que repõe em observação as diversas modalidades de artes visuais apresentadas à crítica e ao público no exercício de 1958, críticos e comissários estrangeiros têm oportunidade de familiarizar-se com três aspectos concêntricos. O primeiro é a atmosfera própria da dita Galeria de Arte das Fôlhas, onde os artistas expõem periodicamente enquanto três jornais da Empresa das Fôlhas de São Paulo fazem a cobertura de seus respectivos currículos vivenciais e produtivos, estabelecendo contato entre a classe artística e o povo, o que por certo redundará em protocolo social e em didatismo especializado. O segundo aspecto é a variedade do material apresentado, com suas características e tendências de grupos e indivíduos. O terceiro aspecto é a correlação das artes visuais brasileiras com as artes visuais contemporâneas do mundo.

A atual Bienal de São Paulo, com suas quatro mil obras de quarenta e seis países — em cujo acervo o Brasil concorre com cento e setenta e duas pinturas, vinte e três esculturas, setenta desenhos e oitenta e cinco gravuras — é um verda-

deiro concílio ecumênico do qual quase desapareceu por completo a figura antropomórfica, o episódio humano e a visualização direta da paisagem e do fluxo subconsciente. O próprio quadro geométrico da abstração se acha em evidente minoria, pois o chamado tachismo a bem dizer se tornou uma dicção e uma sintaxe uniforme, de empostação cromática e linear que lembra a estrutura gráfica e acústica do esperanto.

Não cabe aqui ajuizar se essa tendência maciça e genérica está certa, se ela é de veras o ápice da arte ou seu desmoronamento, ou apenas o testemunho dum estado estético paroxístico em correspondência com o estado de nervos político e social.

Mas sem dúvida, a atual mostra coletiva dos artistas brasileiros que expuseram na Galeria de Arte das Fôlhas patenteia que estávamos já naquele ano em correspondência bem sintonizada com o que se fazia e se está fazendo no resto do mundo.

Pois o desenho e a gravura, provas de dexteridade e síntese, também se estão interessando pela matéria, pelo suporte. A escultura também se está tornando expressionista não nos temas mas nas substâncias materiais de suas estruturas maciças, abertas e espaciais. A pintura, essa então se restringe ao informalismo, às manchas cromáticas, às enfases explosivas, mercê de processos que revolucionam a fatura, a construção e o ritmo. Episódio e narração desaparecem como enredos imediatos ou transfigurados. Caímos na geografia expressionista da terra, do cosmos, na tomografia das entranhas geodésicas, já não há composição disciplinada e sim a improvisação através de linhas incisivas e de gamas da mais reverberante refração.

Ora, se a V Bienal evidencia de modo saturante esse teor em quase todos os países como tarefa quase uníssona em artes gráficas e plásticas, podemos afirmar que a Galeria de Arte das Fôlhas, em 1958, um ano antes desse certame internacional, expôs em quase todo o calendário daquele exercício temporal uma arte brasileira como inspiração e técnica porém sintonizada com a atmosfera telúrica dos dois hemisférios como fórmula e como concepção. Por conseguinte, a Galeria de Arte das Fôlhas refletiu em 1958 o fenômeno artístico local, nacional e universal, como um espelho de vanguarda.

JOSÉ GERALDO VIEIRA

